

REDACTOR PRINCIPAL. **Alexandre Vieira**
EDITOR **Joaquim Cardoso**

Propriedade da União Operária Nacional
Officinas de impressão - R. da Alfama, 134
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)

Redacção e administração - Calçada do Combro, 88-A, 2.º
End. telegr.: Talhada - Lisboa • Telefone: 2

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

É TEMPO!

Singularmente agitada tem sido, nos últimos meses, a vida portuguesa. As lutas de partidos, a desastrosa tentativa restauracionista, mais recentemente a rebelião anti-policial, tem mantido em constante desassossego o ambiente em que vivemos. Não passaram despercebidos ao operariado tais sucessos, ante os quais a União Operária Nacional, interpretando o sentir dos trabalhadores, definiu sempre uma atitude exteriorizada sempre o seu parecer, - sentinela vigilante que ele é, ou de maneios reaccionários, de movimentos regressivos que é preciso combater, ou de arremetidas despóticas dos pseudo-liberais, às quais mister é fazer oposição.

Esta acção da Central dos Sindicatos Portugueses, se bem que persistente e enérgica, porque é necessário assim, pode contudo considerar-se como uma fase, apenas, da sua actividade. É o lado defensivo. Mas quem se defende, nada mais empreendendo do que isso, quem se defende sem atacar, faz alguma coisa, mas não faz o bastante. É ainda preciso atacar. O nosso caso, o caso do operariado, é deste género. A União Operária Nacional não esqueceu ainda a lista de reclamações - tão claras, tão justas, tão dignas de atenção! - que há meses formulou, no intuito de obter para a classe sofrida uma parcela mais de bem-estar, melhor seria dizer uma diminuição do mal-estar que a vinha; que a vem angustiando.

Tem-se mantido sobremaneira encapelada a superfície do oceano nacional, onde vogam, a par das bem-intencionadas náus descobridoras, em busca de longínquas auroras progressivas, os chavecos piratas do mamelucos aventureiros e não aventureiros, que, vadeam para o assalto ao as águas baixas e tranquilas lho permitem, e vadiam numa inutilidade descreditada quando as marés lhe não correm propícias? Pois um bom timoneiro evitará o perigo, tergiversará talvez na sua rota, perderá tempo, lutará largo espaço com embarcações vários - mas, agora ou logo, meterá prôa a seu destino, reencontrará a linha provisoriamente abandonada, avançará enfim...

De modo que não desapareceu ainda da nossa memória aquela lista de reclamações que a União Operária Nacional formulou, falando em nome de alguns milhares de operários, que representa. E não esqueceu porque as reclamações, feitas simplesmente porque correspondiam a necessidades inadiáveis, vitais, iniludíveis, não lograram obter, até hoje, satisfação. Apesar disso, tão impregnadas elas estão de evidente justiça que ninguém ousou contestar-lhes procedência! Tão certamente atacavam problemas com que as instâncias governantes fingiam preocupar-se, ou se preocupavam de facto, numa incompetência que excluía quaisquer probabilidades de resolução, que nenhuma voz houve a denunciar-lhes ineffectualidade.

A União Operária Nacional apresentou uma série de medidas que permitiriam atenuar a carestia da vida dum modo sensível: não era a instalação de hortas miniaturais nos jardins públicos, tampouco era a criação de corporações inúteis, solucionando o problema das subsistências em casa dos que as compunham e complicando-o na casa dos outros; nem a promulgação parvorrágica de milhares de leis, como se de papel impresso se precisasse e não de pão. Não era isso, mas a conclusão trazida pelo estado completo, independente, honesto, do problema. A União Operária Nacional apresentou ainda uma série de reclamações de ordem moral, em que consubstanciava parte das suas aspirações - aspirações antigas, radicadas já no espírito do pro-

NOTAS & COMENTÁRIOS

Pão nosso

Mudou há dias, pela milionésima vez, o que havia regulamentado sobre fabrico de pão. Sabido é já que não melhoramos com a mudança, posto que, quanto mais tombas vão deitando os legisladores, tanto mais torta vai ficando a bota que, mau grado isso, temos de descalçar, ainda que rebentando as presilhas... da prudência. Nós, lhas cantaremos mais de espaço. Registe-se todavia desde já o nosso descontentamento ante a inovação dos dois tipos de pão que agora nos apresentam, um dos quais, o mais caro, forçoso é confessar que embranqueceu um pouco - enquanto os consumidores cada vez mais amarelados se vão tornando.

Em fuga

Um telegrama que noutra lugar vai dando à estampa consigna a surpreendente notícia de que Carmen Silvina pseudónimo com que se popularizou no mundo literário a rainha da Roménia - teve de dar as de Villa Diogo, não se sabe porque misteriosas causas. A letrada soberana, segundo dizia ainda há pouco um cronista, era estimadíssima pelo seu povo, amada de todos, por todos admirada. Pois teve a coroadia poetisa de pôr-se na fronteira, talvez porque se transmitisse em aversão a amizade que os romenos nutriam por ela. Onde se verifica que os tempos correm cada vez piores para os soberanos - nem se salvando os que fazem versos.

Trauliteiros

Conta-nos pessoa amiga e digna de todo o crédito, uma nota curiosa que se passou no comício realizado há dias no teatro Apolo.

Falava o capitão Cunha Lial em termos vibrantes de entusiasmo: «Que era necessário fazer uma grande obra de saneamento das instituições, limpar as secretarias do Estado de todos os minúsculos, de todos os inimigos da República. Urgia impor ao governo essa obra; e se este não estivesse disposto a executá-la - acrescentava o sr. Cunha Lial - executá-la-íamos nós, a tiro, a cacetete, a navalha!»

Nisto, solta um das galerias o grito: *Ataíste os trauliteiros!*

Crise ministerial

Correm já boatos de que o ministério está na iminência de estatelar-se. Curta vida a sua, a confirmarem-se as vozes correntes, curta como era de supor, dada a função passageira que fora chamada a desempenhar. Mais um ministério que passa, de tantos que tem passado pelas cadeiras governativas. Chegou, partiu, e irá - a procura de rima...

Instrução primária

A Capital, de ontem, trazia a toda a largura de duas colunas, um substancial artigo com o título de *Republicanismo e ensino* e dirigido ao sr. ministro da instrução. É ele da autoria do sr. Cesar Anjo e vem cheio de queixumes por o ensino não estar absolutamente entregue a republicanos e lamentando que anove anos depois do gesto glorioso do Cinco de Outubro o Templo da Razão e do Direito - a nossa escola primária esteja subordinada aos regulamentos de 1902 e sob a influência das doutrinas do padre Inácio...

O sr. Cesar Anjo é, a final, muito pouco angelical... por quanto, republicano e com o objectivo, não de fazer pedagogia, mas de republicanizar, teríamos a registar cenas diabólicas. Ora imaginem que uns ensinavam a *república velha* e que outros se dedicavam a ensinar a *república nova*. Ai teríamos, num futuro próximo, a *petisada* a lançar-se em pugnas tremendas, *formigando e traulitando* com as lousas, os livros e mais apetrechos escolares...

Ora, sr. Anjo, seja mais angelical... Bem sabemos que há anjos bons e anjos maus. Com vista, não ao sr. ministro da instrução, mas... a *Lucifer*...

Cordialidades

O sr. Bernardino Machado epistolografa agora na imprensa a sua renúncia ao cargo de presidente da República, entregando-o nas mãos do povo. Aqui tem vocês uma prova concludente da isenção do nosso ilustre ex-presidente. Prova de isenção que seria digna de ficar perduravelmente na memória das gentes, se não houvesse outra, mais concludente ainda, a emparelhar com ela: o caso da raposa da fábula que também renunciou a comer as uvas - porque estavam verdes...

letariado, por isso mesmo impossíveis de anular. Não foi atendida ainda a central dos sindicatos portugueses. Pois nem por isso desistirá. Volta à linha de combate, sob o mesmo pendão, com a mesma divisa, possuída de dobrado entusiasmo, porisso que mais cheia de razão se sente ainda. Não desarmou. Mas desarmará um dia - quando tiver obtido o triunfo definitivo, resultado fatal, matemático, do seu esforço, predominância inevitável da sua justiça!

A RODA DUM PROJECTO DE LEI

SINDICATOS PROFISSIONAIS

A U. O. N. é uma força e uma força organizada. Tem deficiências, não está ainda na sua plena maturação nem atingiu, portanto, aquele desenvolvimento que permitira o fazer sentir em várias direcções e campos de acção a sua salutar influência na reorganização de uma sociedade perturbada por toda a espécie de erros, violências, paixões e incompetências. Mas, apesar de tudo, é uma força organizada e disciplinada - vá lá o termo - que se destaca no seio da vida portuguesa convulsionada pela desorganização económica e pelas ambições políticas de *colarões* sem norte, sem cultura e sem elevação.

Nestas circunstâncias, a U. O. N. procura sempre estudar, como melhor possa, os problemas que mais ou menos directa ou indirectamente lhe interessam ou interessem a outras classes e à vida colectiva. Assim, a U. O. N., defendendo o direito de reunião e de associação, a liberdade de imprensa, etc., não o faz, como muito bem se compreende, num sentido egoísta, em benefício exclusivo próprio, mas, contrariamente, em benefício de todos.

Vendo-se o caso superficialmente, pela rama, pelas aparências enganadoras, poderá parecer que, procedendo assim, a organização operária se desvia da esfera de acção propriamente económica para se imiscuir em questões de carácter político. Em primeiro lugar, cumpre dizer que nós, *os produtores*, pelo facto de o sermos, não perdemos as qualidades de *homens* e não somos nem podemos ser alheios aos direitos e liberdades que nessa qualidade nos digam respeito e que igualmente respeitem a todos os outros que não sejam nossos companheiros de trabalho e de luta. Queremos essas liberdades para todos. Mas, vendo mesmo a questão sob o aspecto particular económico-social, verificamos que a liberdade de imprensa, de reunião e de associação são absolutamente indispensáveis para a defesa dos nossos interesses económicos e sociais, para a organização metódica e inteligente da nossa força, para o desenvolvimento das nossas instituições, dos nossos organismos, para o desempenho da nossa missão. Sem estas liberdades essenciais, que defendemos como *homens* e como *produtores*, pelas quais temos sofrido a calúnia, a infâmia, a perseguição sistemática, pelas quais temos exposto a vida - como muitos de nós o fizeram agora em Monsanto e no Porto - sem essas liberdades essenciais não deixará, sem dúvida, de fazer-se a evolu-

ção fatal da corrente que representamos, não deixará de operar-se a nossa emancipação e a reorganização de uma sociedade que fez o seu tempo. Nada o impedirá! Mas tudo, porém, se sucederá com muito mais dificuldades, com muito maior violência, numa evolução cortada de guerrilhas tumultuárias, numa explosão de dor bem mais profunda.

Não haja dúvidas... A U. O. N. volta de novo a apresentar as suas reclamações. Entre elas, encontra-se a regulamentação - desde que regulamentação é necessária - do direito de associação feita por uma forma tão possível larga, insuflada de um critério superior, de uma ampla visão do futuro - por forma a que, ao seu abrigo, se possam formar metódicamente os organismos que todos os sindicatos profissionais (operários e não operários) julguem necessários, por forma a bem poderem proteger os interesses dos sindicatos, a elevação profissional, moral e intelectualmente, a fazer deles e das respectivas classes valores que socialmente influam e tenham, consequentemente, a sua acção positiva traduzida em bem-estar.

Ora, tem constado á União Operária que o actual ministro do trabalho está elaborando um projecto de lei que regulará o direito de associação de uma forma bastante rasgada e que respeitará, quanto possível, os interesses das diversas classes profissionais (operárias e não operárias). Pelo que temos visto nos jornais, o sr. Dias da Silva introduzirá nesse projecto o princípio das federações e uniões.

Oxalá assim seja!

Acontece, porém, que o presidente do ministério, procurado - há, talvez, quinze dias - por uma comissão delegada da U. O. N. sobre a possível realização de um comício promovido pela U. S. O. de Lisboa, se mostrou absolutamente adverso ás federações e uniões sem, porém, explicar a razão porque assim pensa, sem argumentar.

E' adverso... e tanto basta. E' coerente, de resto: tem a sua... federação agrícola e, tendo muita simpatia pelos operários, entende que para eles deve haver, da parte do Estado, aquela *protecção*...

caritativa, iamos a dizer - «que os livre de viver em casas infectas, como cães.» Ah! E' que o presidente do ministério está ainda em 1910, pensa - como o disse em uma entrevista concedida a *Seculo* - no regresso ao 5 de Outubro. E nós estamos em 1919 e - depois da guerra. E' esta a diferença...

De Herodes para Pilatos

Os tipógrafos dos jornais suspensos

A comissão de operários tipógrafos, empregados nos jornais suspensos em virtude dos últimos acontecimentos, continua percorrendo os ministérios, sem que as estações oficiais procurem minorar a sua angustiada situação e iludindo-a com promessas que até à data não foram cumpridas senão numa pequena parte - a colocação de dez tipógrafos na Imprensa Nacional, com a agravante, porém, de não terem subvenção, do que parece desprender-se que as necessidades de alimentação desses dez camaradas são inferiores ás do restante pessoal...

Realmente uma situação destas não pode persistir. E necessário que se trate, mas de uma forma definitiva, da situação dessas dezenas de operários, vítimas da inconstante política portuguesa. Não é a primeira vez que esta classe atravessa uma tal crise, pois, de há alguns anos a esta parte, os casos de assaltos e suspensões dos jornais são frequentes, sem que o Estado se tenha preocupado, até agora, com as vítimas que de tais factos resultam.

Hoje mais uma vez uma comissão de gráficos voltará a conferenciar, pelas 13 horas, com o presidente do ministério.

A Batalha na Monaca

Quaisquer comunicados ou notícias para o nosso jornal, podem ser enviados para a caixa da *Batalha* na tabacaria «Monaco», ao Rocio.

A dissolução da polícia

De há muito que se fala na reforma da polícia. Após a revolução de 5 de Outubro, a opinião pública manifestou-se, de uma forma iniludível, para que de vez cessassem os processos revoltantes de que os agentes mantenedores da ordem se utilizavam para criar... a desordem. Apesar disso, a corporação de polícia cívica, em seguida a um brevíssimo interregno, de novo voltou à prática dos tais processos, que originaram, durante o largo período decorrido até à data, toda essa enorme série de conflitos sanguinolentos que tão tristemente têm ficado celebrizados. Ultimamente as violências recrudesceram desde que forneceram à polícia espingardas. São inúmeros os casos de espancamento de inofensivos transeuntes, de presos, de pobres criaturas que, nas *bichas*, procuravam adquirir as subsistências que escasseiam. Há, mesmo, muitos casos de que resultaram mortes.

Tudo isto se verificou sem que as entidades competentes providenciassem para que uma cabal justificação fosse dada à população - punindo severamente os culpados de tais excessos e impedindo que se repetissem. Pelo contrário: a cada nova violência, a cada novo crime, aqueles que comandavam a polícia cívica impeliavam os seus subordinados a manter esses processos de *segurança*... pública!

Deu-se, agora, a sedição polieiesca. Dispararam-se muitos tiros inútilmente, que vitimaram algumas dezenas de criaturas, na maior parte indiferentes a tão inexplicáveis sucessos. Em consequência de tais factos a dissolução da polícia tornou-se uma realidade, e, caso actável, após o desaparecimento dos severos guardiões da ordem, tem-se a sensação de uma maior segurança, percorrendo-se os becos e encruzilhadas que povoam esta Lisboa um pouco mais afoitamente.

Tem o operariado conhecidas razões de queixa da polícia: as agressões durante greves, o espancamento de presos por questões sociais, as violências de toda a espécie exercidas sobre a organização sindical.

E é preciso frisar bem que, ao referirmo-nos à polícia, estendemos a nossa repulsa à secção da preventiva que constituída por indivíduos da craveira moral de todos conhecidos, não é digna de qualquer comentário.

Alvitram-se várias modificações na organização dessa corporação. Em princípio não aceitamos a existência da polícia. Porém, entre um serviço mantenedor da ordem, cujos agentes são de uma ferocidade e brutalidade inqualificáveis, e um outro que não possa tão autenticos predicados, preferimos o segundo, não se continuando neste regime de *pavorosas*, em que acordamos ao retimbar do canhão, ao serviço do qual quer sedição inexplicável, e nos deitamos ouvindo o crepitar da fuzilaria, que os civis prodigalizavam ao menor pretexto.

E, pois, ocasião propícia para que se modifique tudo o que de odioso existe no governo civil, dissipando-se essa atmosfera de receio, de medo, de pavor com que se percorrem as ruas, temendo-se mais o encontro de um guarda cívico que o de um noctívago de maus intuitos.

LÁ POR FORA

Esquadra inglesa em Vigo

VIGO, 23 - Chegou a este porto, procedente de Gibraltar, uma esquadra inglesa, composta de oito caça-minas, que vem abastecer-se de carvão, seguindo para Inglaterra.

A emigração para França

MADRID, 23 - Na provincia de Salamanca acentua-se cada vez mais a emigração para França, havendo vilas em que se luta já com falta de braços para os trabalhos agrícolas.

O ex-imperador Carlos

LONDRES, 23 - Dizem de Viena que o ex-imperador Carlos sofre de lesão cardíaca, originando o seu estado graves cuidados.

Armistício violado

LONDRES, 23 - Telegrama de Agram que foi roto o armistício entre os slovacos e os austro-alemães em consequência destes últimos haverem violado a fronteira estabelecida pela missão militar norte-americana encarregada de traçar a linha definitiva.

Termina o encerramento do porto de Sevilha

MADRID, 23 - Telegrama de Sevilha que, tendo diminuído a cheia do Guadalquivir, foi já aberto o porto à navegação.

Presidente Wilson

NEW-YORK, 23 - Por causa do temporal, o «George Washington», que conduzia o presidente Wilson, só chegará a Boston na terça-feira.

Ministro do trabalho

O sr. Dias da Silva, que tencionava seguir hoje para a Covilhã, com o seu gabinete, vor de perto e estudar a grave crise dos operários tecelões daquela cidade, adiou a sua partida para a próxima quinta-feira, pois procura solucionar, antes de ir, um certo número de problemas, entre os quais figura - a colocação dos sem-trabalho.

Ecos dos acontecimentos de ante-ontem

Completa normalidade em Lisboa e no resto do país

O dia de ontem decorreu numa pacífica e tranquilidade a que, francamente, já não estavam habituados. O aspecto da cidade não denunciava de modo nenhum os graves factos que ainda na véspera tinham preocupado toda a população.

A questão da polícia, como já ontem dizíamos, está resolvida. Dissolvida a corporação da polícia preventiva e de segurança, desarmados os guardas e presos muitos deles, desapareceram todos os núcleos de resistência.

Quanto ao regimento de infantaria 33, saiu ontem mesmo, de madrugada, para Lagos, com escala por Vendas Novas. Está averiguado afinal que a officialidade daquele regimento nenhuma responsabilidade teve nos sangrentos successos de ante-ontem. Elementos estranhos àquela corporação e desafectos ao actual governo provocaram e mantiveram todo aquele tiroteio, que se generalizou graças à exaltação de espíritos e à atmosfera de desconfiança que havia numa parte da população de Lisboa.

O policiamento da cidade continuou sendo feito por forças da guarda republicana, da marinha e guarda fiscal, continuando encerradas as esquadras de polícia.

A guarda ao edifício do governo civil foi feita por forças de marinha e da guarda republicana.

O sr. major Bruno do Carmo, actual 2.º comandante da polícia, na ausência do sr. major Virgílio Esmeraldo, chefe do distrito de Évora, está dirigindo todos os serviços policiais.

Ontem de tarde um canhão militar com praças da guarda republicana, levou para o Arsenal do Exército grande quantidade de espingardas e outro armamento.

Foram cerca de 3.000 as armas retiradas da polícia e que estão recolhidas no quartel no Carmo.

O ex-comandante da referida corporação, sr. capitão Pimentel, encontra-se naquele quartel.

O decreto que dissolve as corporações de polícia preventiva e de segurança, que ontem foi assinado e hoje deve ser publicado no *Diário do Governo*, designa que esse facto se dá sem prejuízo das responsabilidades que indivíduos, altamente possam caber por força dos inqueritos que decorram ou venham a decorrer.

Devem ter chegado esta noite alguns contingentes militares que tem estado no norte e que o governo mandou regressar a Lisboa.

Os feridos e os mortos

No dia 21 entraram para o hospital 12 homens e uma mulher falecendo destes Abel Pereira Lima, 1.º cabo de marinheiros, n.º 470, residente na rua dos Machadinhos, 21, 2.º, ferido no Terreiro do Paço; Joaquim Viana Nunes, negociante e residente na rua Saraiva de Carvalho, 23, ferido na rua de S. Paulo; um rapaz, que foi ontem reconhecido por um irmão, chamava-se Leopoldino Oliveira Lourenço, 18 anos, solteiro, servente de pedreiro e residia na calçada da Tapada, 226, loja, ferido no Rocio e Carlos Portugal Soares, soldado de artilharia, ferido no Rocio.

No dia 22 entraram 19 homens e 2 mulheres.

Aquela soldado de infantaria 33 entrado ante-ontem que foi encontrado abandonado no Castelo por alguns escoteiros e que tinha um grande ferimento na cabeça com saída da massa encefálica, chama-se Agostinho dos Santos Moraes, 22 anos, soldado 905 de infantaria 33, natural de Mirandela.

Safu com alta da enfermaria n.º 4 (Santo António) António Rodrigues Nunes, 2.º sargento da armada, que na noite de 21 foi ferido com estilhaços de granada de mão, na rua do Arco da Graça.

Durante os acontecimentos o serviço telefónico dos Hospitais Cívicos, que foi violentíssimo, foi feito pelos telefonistas D. Maria da Conceição e Germano Marques de Oliveira, que dele se desempenharam de forma a merecerem os maiores elogios.

Na Morgue tem estado em exposição os cadáveres das vítimas dos últimos acontecimentos; tem ali afilido numerosas pessoas, sendo o serviço de polícia feito por uma força da guarda fiscal. Os cadáveres que ali se encontram são o da polícia 1925, do guarda fiscal 1223 e quatro civis, tendo destes sido reconhecidos José Fernandes, de 21 anos, trabalhador da Camara, residente na rua Victor Cordon, 12, 4.º e José Portugal, moço de fretes.

Movimento marítimo

Demandando a barra

OITAVOS, 23 (às 7,50) - Demanda a barra um cruzador americano, vindo do norte. - H.

POSTO TELEFÓNICO DE BOM SUCESSO, 23 (às 8,35) - Vai entrando um *destroyer* inglês. - H.

Além destes dois vasos de guerra, entrou ontem no Tejo o vapor espanhol *Navarro*.

